

GESTALT-TERAPIA EM “CHOCOLATE”: RELAÇÃO DOS PERSONAGENS AOS ESTILOS DE CONTATO

*GESTALT-THERAPY IN “CHOCOLATE”: RELATIONSHIP OF CHARACTERS TO CONTACT
STYLES*

Rafaela dos Santos Oliveira¹
Rodrigo de Paiva Soares²

Recebido em: 20/08/2022 – Aceito em: 19/10/2022 – Publicado em: 25/10/2023.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo relacionar personagens do filme “Chocolate”, lançado em 2001 e dirigido por Lasse Hallstrom, com as definições de estilos de contato da Gestalt-terapia propostos por Joyce & Sills (2014). A Gestalt-terapia repousa numa perspectiva relacional da natureza onde a experiência do ser humano ocorre na fronteira entre o organismo e o ambiente, sendo esta física, social, histórica e cultural. O contato do ser com a experiência está sob influência do ambiente e de estilos de contato particulares que podem variar de acordo com a habilidade do ser de ajustar-se criativamente e encontrar meios para realizar suas necessidades, podendo configurar-se de modo funcional ou disfuncional quando ocorrem interrupções no contato. Nesta perspectiva, ao relacionar o estado dos personagens do filme “Chocolate” com as definições de estilos de contato, foi possível descrever reações e atitudes que indicam interrupções no contato pleno e na *awareness*, ainda que os casos sejam fictícios.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; estilos de contato; *awareness*; filme chocolate.

ABSTRACT

The present work aimed to relate characters from the film “Chocolate”, released in 2001 and directed by Lasse Hallstrom, with the definitions of Gestalt-therapy contact styles proposed by Joyce & Sills (2014). Gestalt-therapy rests on a relational perspective of nature where the experience of human beings takes place on the boundary between the organism and the environment, which is physical, social, historical and cultural. The being's contact with the experience is under the influence of the environment and particular styles of contact that may vary according to the being's ability to adjust creatively and find ways to fulfill its needs, which can be configured in a functional or dysfunctional way. when interruptions in contact occur. In this perspective, by relating the state of the characters in the film “Chocolate” with the definitions of contact styles, it was possible to describe reactions and attitudes that indicate interruptions in full contact and *awareness*, even if the cases are fictitious.

Keywords: Gestalt-therapy; contact styles; awareness; Chocolat movie.

¹ Universidade Federal do Acre.

² Universidade Federal do Acre.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (ABG), a Gestalt-terapia consiste numa psicoterapia fenomenológica existencial nascida em 1951 na época em que surgia nos Estados Unidos o movimento chamado “3º Força” ou Psicologia Humanista. Com uma perspectiva que confere ao ser humano a condição de sujeito responsável por suas escolhas, surge a Gestalt-terapia enfatizando o autoconhecimento, satisfação, autossuporte e crescimento pessoal, vendo o homem como sendo capaz de se autogerir e de se autorregular.

No ano de 1950 em Nova York, Fritz e Laura Perls formaram o chamado “Grupo dos Sete” e iniciaram efetivamente o desenvolvimento da Gestalt-terapia como uma nova proposta psicoterápica. Em seguida escreveram - com Paul Goodman e Ralph Hefferline – “Gestalt Terapia”, levando ao público os pressupostos teóricos e a práxis da abordagem. As histórias de Fritz Perls e Laura Perls estão diretamente relacionadas à Gestalt-terapia que, junto com outras teorias como a Psicologia Organísmica e o Holismo, construíram a base teórica-epistemológica desta abordagem (Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica, p.5).

Os autores Reis & Bervique (2013), narram que a Gestalt-terapia surgiu principalmente na década de 50 nos Estados Unidos e se tornou mais evidente na década de 60 com o surgimento dos movimentos contracultura. No Brasil há relatos da chegada da Gestalt-terapia em meio a ditadura militar trilhando um caminho contrário às políticas que visavam uma adaptação ou ajustamento diante do conflito entre indivíduo e sociedade (ESCH; VILELA, 2019).

Para Ribeiro (2012), um dos principais expoentes da Gestalt-terapia no Brasil, a Gestalt-terapia consiste em uma maneira de estar no mundo e se relacionar com ele, um caminho que promove a reflexão do sujeito a respeito de si, do mundo e das formas de ser e estar. Tal concepção leva ao entendimento de que a Gestalt-terapia se trata de uma filosofia de vida que pode ser experimentada dentro do campo existencial.

Conforme Esch e Vilela (2019), o ponto central da Gestalt-terapia é uma visão relacional da natureza, nesse sentido a experiência do ser acontece na fronteira entre o organismo e o ambiente, sendo este campo físico e social, histórico e cultural. Ainda conforme as autoras, a Gestalt-terapia foi recebida no Brasil na década de 1970, inicialmente pela experiência prática de obras internacionais traduzidas que enfatizavam aos aspectos técnico-vivenciais da abordagem.

Foi, pois, o contato com e a partir da prática, prioritariamente, da experimentação, da experiência viva, pulsante, sentida, que tornou possível caminhar um passo adiante, e partir, então para a teorização. Em outras palavras, a Gestalt-terapia seguiu uma trilha que, tendo início na experiência vivida, – e que se apresentava como novidade – culminou na possibilidade de entendimento, de atribuição de sentido e significado, constituindo dessa maneira, e neste processo, a edificação de seu corpo teórico (ESCH; VILELA, 2019, p. 26).

Outra forma de acessar a Gestalt-terapia no Brasil, segundo as autoras, foi por meio de workshops vivenciais facilitados por profissionais estrangeiros, seguidos por um segundo momento onde a abordagem foi disseminada por profissionais brasileiros e, por último, o terceiro momento denominado o desenvolvimento inicial da Gestalt-terapia no Brasil onde houveram as primeiras produções nacionais escritas - que aumentaram significativamente nos períodos seguintes. Segundo a ABG, o nome de Thérèse A. Tellegen e Paulo Barros estão associados ao início da Gestalt-terapia no Brasil por terem sido responsáveis pelas primeiras produções e disseminações tratando da Gestalt-terapia no país.

Certamente os acontecimentos que marcaram o surgimento da Gestalt-terapia no Brasil foram importantes para sua popularização e adesão entre os cursos de graduação em psicologia. Tornando acessível para esferas da sociedade civil como estudantes, professores e profissionais de forma significativa e consistente, culminando em produções científicas de ampla circulação e fácil acesso em bancos de dados da Internet.

No que se refere aos estilos de contato, tema central deste trabalho, Ribeiro (1997) discorre sobre este conceito de forma abrangente, pontuando e entrelaçando diversas perspectivas sobre o contato enquanto fenômeno de relação causa-efeito que ocorre em um processo dinâmico e relacional no campo sensorial, cognitivo, motor, perpassando até enquanto Arte - a arte do encontro, santuário dos corpos e a reverência no toque entre estes, onde contato e existência basicamente se confundem pela sua natureza relacional e pela forma como a vida ocorre e é expressa através dele:

O modo como uma pessoa faz contato consigo e com o mundo expressa igualmente o grau de individuação, maturidade e auto entrega com que vive, em um dado momento, porque o contato é a expressão experienciada e visível da realidade interna de si mesmo. Tudo na natureza é contato e sem contato tudo perde sentido, agoniza e morre (RIBEIRO, 1997, p. 15).

O contato está sempre sob influência das formas ou estilos de contato que nos trilhamos e que trilhamos, como dependente do contexto e das situações cotidianas. "contato é função do

campo e obedece às leis que regem o campo. A vivência do contato depende da experiência do campo" (Ribeiro, 1997, p. 13).

Tratando da conceituação de campo, conforme Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia – ITGT - esta teoria de Kurt Lewin compõe a base da abordagem gestáltica ou Gestalt-terapia e trata-se de um arcabouço teórico-prático para o estudo de qualquer evento, experiência, objeto, organismo ou sistema, dando ênfase a totalidade das forças que formam e determinam as partes do todo no campo fenomenológico. Nesta perspectiva, o campo fenomenológico refere-se à totalidade onde estão inseridos o mundo, as coisas, os outros e também o campo pessoal e individual do sujeito.

O contato é, portanto, um processo de função do campo, onde a pessoa é afetada e afeta, nas formas pelas quais lida consigo, com o mundo, se expressa nele, se encontra, desencontra e, a depender da qualidade do contato, nutre a tendência de crescimento e desenvolvimento humano:

O modo como uma pessoa faz contato consigo e com o mundo expressa igualmente o grau de individuação, maturidade e auto entrega com que vive, em um dado momento, porque o contato é a expressão experienciada e visível da realidade interna de si mesmo. Tudo na natureza é contato e sem contato tudo perde sentido, agoniza e morre (RIBEIRO, 1997, p. 15).

Sabe-se que Gestalt-terapia foi influenciada por pressupostos oriundos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e de acordo com Frazão e Fukumitsu (2014) a concepção de neurose na Gestalt-terapia trata-se de um conflito do campo e não um conflito intrapsíquico como costuma ser nas teorias psicodinâmicas, nesse sentido o conflito está relacionado com a perda da capacidade plástica da totalidade em decorrência da interação entre organismo e o ambiente estar adoecedora tal como mundo encontra-se adoecido. Nesse sentido, as diversas problemáticas sociais, crises culturais, políticas e econômicas prejudicam o equilíbrio da totalidade do sujeito. Segundo os autores, em situação de emergência se faz necessário defender-se e para isso tendemos a recorrer a um repertório de comportamentos de proteção ou autopreservação.

Segundo Frazão e Fukumitsu (2014) a Gestalt-terapia é uma terapia da configuração de formas e o processo de formação de uma “Gestalten” é dirigido pelo livre fluxo de *awareness*, os autores complementam ainda que tornar-se *awareness* da experiência imediata com o outro dar-se pelo foco na situação aqui e agora. Dessa forma, a proposta terapêutica dessa abordagem consiste em concentrar-se na estrutura concreta da situação, presentificando as fixações e tensões que se apresentam na madeira que foram configuradas.

Situações acontecem a todo momento com os indivíduos por ser algo inerente à experiência humana e passível de observação e análises psicológicas. Neste contexto, apresentamos a obra cinematográfica "Chocolate", onde é narrada a história de uma jovem mulher chamada Vianne Rocher e sua filha, que após migrar procuram se adaptar à uma pequena cidade na França, chamada Lansquenet, onde foram morar. Desde as primeiras cenas, é possível considerar que a trama facilita a vivência de emoções e a quebra de paradigmas entre os espectadores.

Um Filme para alegrar os corações chocólatras! [...] A atriz Juliette Binoche faz o papel de Vianne Rocher, uma mãe solteira que viaja levando o chocolate e os seus conhecimentos sobre o cacau pelo mundo. O filme mostra uma mulher sem preconceitos, uma nômade que segue o vento por onde vai com sua filha Anouk – o vento as guias. Vianne chega ao vilarejo e encontra o desafio de persuadir os moradores com o chocolate em plena Quaresma (FILME: CHOCOLATE, p. 1).

Chegando em *Lansquenet* a protagonista Vianne Rocher abre a chocolataria “Maya”, e com o passar do tempo vai causando aproximação e interesse da população local. Conforme os moradores estabelecem contato com a protagonista, é possível perceber sinais nos comportamentos das personagens que remetem aos estilos de contato da Gestalt-terapia, o que se torna mais evidente com a recorrência desses sinais conforme ocorrem encontros, diálogos e vínculos que vão se construindo entre as personagens ao longo da trama.

Os estilos de contato podem ser mencionados como mecanismos neuróticos e para cada um deles: (1) introjeção; (2) confluência; (3) deflexão; (4) projeção e (5) retroflexão existe um polo oposto e uma variedade de tonalidades que culminam em condutas que podem ser apropriadas para o contexto enquanto outras podem se tornar rígidas e inapropriadas.

Como recurso psicoterapêutico para Gestalt-terapia, a mobilização do contato para o seu polo oposto pode ser uma estratégia eficiente, uma vez que possibilita o equilíbrio entre o estilo de contato estabelecido de forma rígida e disfuncional e o seu lado antagônico. “É preciso enfatizar, é claro, que o cliente é o juiz final daquilo que é apropriado para ele em uma situação específica” (Joyce; Sills, 2014, p. 151).

Sendo assim, os conceitos abordados acerca das concepções teóricas que fundamentam Gestalt-terapia ou abordagem gestáltica, seu surgimento no Brasil e no mundo e sua proposta psicoterápica, suscitam reflexões acerca desta abordagem como um convite para uma atitude humana que visa obtenção de contato qualitativo e autêntico com a experiência da vida.

Para atender ao propósito deste trabalho, serão apresentados a descrição de sinais

observados nos personagens do filme "Chocolate" que potencialmente relacionam-se ao conceito de estilos de contato segundo a concepção teórica de Joyce & Sills (2014), bem como possíveis recursos psicoterapêuticos para mobilização destes mecanismos, segundo estes autores e também por Ribeiro (1997).

2 RELAÇÃO DOS PERSONAGENS AOS ESTILOS DE CONTATO

Conforme Joyce e Sills (2014), diante de cada ocasião vivida, como numa dança cocriada pela mudança constante do campo, a pessoa coloca-se de forma ajustável e criativa para lidar com as suas necessidades, por vezes funcional, por vezes disfuncionais. Uma vida considerada saudável é expressa pela diversidade de reações, de formas de contato, em relações flexíveis, satisfatórias e nutritivas. O contrário disso formaria uma rigidez podendo ser expressa em uma repetição de padrões que antes podem ter sido satisfatórios e funcionais, mas que permaneceram sendo atuantes, mesmo quando a nova situação do aqui e do agora requer uma reação diferente ou oposta da estabelecida, ou seja, uma atualização para a nova condição do momento presente.

Ribeiro (1997) aponta que a contínua interrupção do contato é uma busca desesperada para manter a relação organísmica eu-mundo, podendo ser compreendido como resistência ou mecanismo de defesa. Tal continuidade e repetição passa a configurar uma forma de contato rígida em um processo não saudável. “Contato é processo de auto regulação organísmica. Doença significa interrupção do contato em um dos quatro campos que compõem o espaço vital da pessoa: campos geobiológico, psicoemocional, socioambiental e sacrotranscendental” (RIBEIRO, 1997, p. 36).

Interrupções mais constantes do ciclo podem apontar para padrões de contato fixados num estilo geral, reações recorrentes diante de situações distintas que supõem desadaptação para as variações do campo. Na vida cotidiana da pequena cidade, observamos as interações e influências mútuas entre os personagens em diversas situações, aproximando suas reações aos estilos de contato conforme apresentam Joyce e Sills (2014).

Para Ribeiro (1997), a psicoterapia gestáltica se propõe, junto do cliente, a investigar os caminhos percorridos que construíram as formas criativas encontradas até então para se relacionar com o meio. Nesta concepção, a investigação e o processo de contato com a totalidade, podem oferecer meios para mudanças, no sentido de outras escolhas. Para cada estilo de contato -

mecanismo neurótico - Ribeiro (1997) apresenta polaridades, que chama de fatores de cura, e que são possibilidades abertas de mobilização que visam processo de mudança.

2.1 INTROJEÇÃO

Segundo Joyce & Sills (2014) a introjeção trata-se de um estilo de contato que se caracteriza por uma opinião, uma atitude ou uma instrução que é inquestionavelmente copiada do outro ou do ambiente como se fosse verdade. A introjeção é evitar considerar ou discutir a validade da opinião. O processo de introjeção leva a manutenção de crenças que não são aceitas por escolhas, chamadas também de introjetos.

Ribeiro (1997) sintetiza esse bloqueio de contato na frase “Ele existe, eu não”, onde a pessoa engole o que lhe é dado, terceirizando suas escolhas, optando por simplificações e destinando para o outro o que é melhor para si. Observa-se a influência deste estilo de contato nas personagens a seguir:

Personagem Conde Reynaud: Conde Reynaud é de uma linhagem de pessoas consideradas lideranças na cidade. A herança desse ofício lhe é conferida e absorvida por ele, mesmo que por vezes transparecendo carregá-la como um fardo.

Em diálogo de boas-vindas o Conde convida Vianne, recém chegada à cidade, para ir à igreja. Ela relata não frequentar o cerimonial, mas que gosta dos sinos da igreja. O conde visivelmente desagradado com o posicionamento, afirma de forma a rebatê-la que os sinos não são entretenimento, mas um chamado solene. Observamos como o Conde contrapõe e invalida a opinião de Vianne com base em sua crença supervalorizada, demonstrando estar insatisfeito e irritado com a maneira de Vianne perceber o sino. Posteriormente, em seu escritório, quando lhe é ofertado comida - que nitidamente necessitava por sentir fome - se interrompe cheirando-a e não comendo em decorrência da crença rígida em relação a quaresma: período do ano litúrgico que antecede a Páscoa cristã, onde há restrição de carne e outros alimentos em demonstração de sacrifício na religião católica grego romana.

Personagem Caroline Claimont: Caroline impede o filho, Luc Claimont, de tomar chocolate quente oferecido por Vianne “Terá que esperar cinco semanas” a mãe impede o filho de atender sua necessidade com base na mesma crença religiosa sobre a quaresma e a importância da restrição alimentar.

Os mesmos introjetos aparecem frequentemente no discurso e comportamento das personagens e na vida cotidiana das pessoas da cidade de maneira geral, mesmo que sem aparente sentido ou implicação pessoal para alguns. Pois, são normas e valores seguidos de forma automatizada, como por exemplo, seguir as determinações estabelecidas pela doutrina religiosa vigente.

O recurso psicoterapêutico para introjeção conforme Ribeiro (1997) é uma mobilização com vias a compreensão do que é próprio e o que é do outro, a refletir e examinar, a requerer direitos e expressar o que de fato sente de forma genuína.

2.2. CONFLUÊNCIA

Segundo Joyce & Sills (2014) a confluência trata-se de um estilo de contato caracterizado pela dificuldade da pessoa com ligação ou separação, se fundindo com outro ou se retraindo psicologicamente. O sujeito age como se estivesse irrevogavelmente unido com a outra pessoa e ela a ele. Os sentimentos e desejos do outro são tidos como seus próprios. Observa-se a influência deste estilo de contato no personagem a seguir:

Personagem Caroline Claimont: Caroline impede o filho de tomar chocolate quente oferecido por Vianne, respondendo por ele quando é oferecido e o impedindo de atender sua necessidade, tendo como pano de fundo suas crenças pessoais que impõe ao filho de forma autoritária, tomando então a decisão de não beber por ele como se estivessem fundidos no nós. Outra situação de confluência entre os personagens ocorre quando Caroline, que tem problemas no relacionamento com a mãe, proíbe o filho de ter contato com a avó como se fossem a mesma pessoa com os mesmos problemas.

Expressões confluentes, igualmente aos introjetos, são comuns na dinâmica social da cidade, em muito mobilizada pelo introjetor Conde Reynaud em seu papel de liderança na comunidade, onde condena e não tolera condutas e estilos de vida que não confluem ao seu, ou com os costumes locais que são apresentados e requeridos em caráter de dever, numa constante relação entre as pessoas no “nós-nós-nós”.

O recurso psicoterapêutico ou mobilização para confluência conforme Ribeiro (1997) trata-se da retirada, nesse sentido a retirada ocorre na percepção do que é próprio e do que é do outro, compreendendo a diferenciação de “eu” e “nós”, e com ela conviver com o que é do “nós” apenas

quando conveniente, e não de forma fixada, mas crítica e distinta. Joyce & Sills (2014) sugerem a fala em primeira pessoa.

2.3. DEFLEXÃO

Segundo Joyce & Sills (2014) a deflexão consiste em um estilo de contato caracterizado por ignorar ou se afastar de um estímulo interno ou do ambiente bloqueando-o, um processo ativo de evitar o contato. Ribeiro (1997) diz “Nem ele, nem eu existimos!”, pois o contato é impedido ou indireto. Observa-se a influência de tal estilo de contato nas personagens a seguir:

Personagem Conde Reynaud: após diálogo de recepção com Vianne e sua insatisfação pela postura opositora dela perante suas crenças, a encontra posteriormente na rua, em frente a chocateira, enquanto instala a placa do estabelecimento. Nessa situação, desvia o contato visual com ela, há uma discordância sobre a inauguração no período da quaresma, o que acredita ser uma conduta inapropriada, mas evita lidar com seus sentimentos sobre a situação. Ao ser questionado sobre a viagem da esposa, apresenta visível desconforto respondendo de forma superficial e abruptamente mudando de assunto, evitando a exploração do material que lhe é sensível e, principalmente, evitando sua exposição, pois a temática - o abandono da esposa que é mascarado pela interminável viagem - se relaciona de forma opositora a seu eu ideal introjetado - líder firme, de família e com a vida exemplar.

Personagem Josephine Muscat: após ser agredida pelo marido foge pra casa de Vianne e inicialmente relata comicamente como fugiu: falando sem parar, rindo e tentando banalizar o impacto da violência sofrida, defletindo sobre seus reais sentimentos. Posteriormente fala de forma emotiva sobre o poder exercido pelo marido sobre ela e o peso dos introjetos e expectativas sociais acerca do papel de mulher do lar, vivido rotineiramente por ela. Vianne discorda dessa crença “tudo podia ser diferente pra você, Sérgio (marido) não é dono do mundo” Josephine então diz “É como se fosse”, Vianne acolhe seu entendimento, Josephine silencia por um tempo e em seguida ri, mudando de assunto e elogiando Vianne. No diálogo, as personagens tratam de crenças limitantes que aparentam mobilizar Josephine para repensá-las, entretanto na situação ela parece não ter condições de lidar com isso, e então deflete.

Um recurso psicoterapêutico ou mobilização, como tem-se apresentado neste trabalho, para o caso da deflexão seria a consciência. Conforme Ribeiro (1997) esta concepção de consciência

ocorre na capacidade perceptiva de si atentamente, de forma mais refletida e esclarecida, havendo assim possibilidade de interação mútua com o meio e o outro.

2.4. PROJEÇÃO

Segundo Joyce & Sills (2014), a projeção consiste em um estilo de contato caracterizado pela negação de um aspecto da personalidade que é incompatível com seu autoconceito projetada em outra pessoa. Nega em si e enxerga no outro, “Eu existo, o outro eu crio” Ribeiro (1997). Observa-se a influência deste estilo de contato no personagem a seguir:

Personagem Conde Reynaud: na cena em que o conde deflete sobre o assunto da esposa, em sequência passa a fazer críticas à Vianne, julgando-a como desavergonhada, descarada e mãe de filha ilegítima, ele aparenta projetar nela aspectos remetidos à esposa que o abandonara e que nega conceber de tal forma, pois enquanto sua esposa, fere diretamente sua autoimagem de marido exemplar.

No que tange à projeção, o recurso psicoterapêutico seria a ação que Segundo Ribeiro (1997) trata-se da capacidade do sujeito identificar em si suas próprias questões e razões, assumindo a responsabilidade por elas.

2.5. RETROFLEXÃO

Segundo Joyce & Sills (2014), no estilo da retroflexão a pessoa retém o impulso para agir, o fluxo energético é interrompido e a frequência desse movimento ou força enérgica, ao ser suprimida, pode voltar-se para o self, podendo manifestar-se em somatização, automutilação e depressão. Observa-se este estilo de contato no personagem a seguir:

Personagem Luc Claimont: “Luc” vive o que a mãe introjetiva e confluyente espera dele, o que o faz reter seus impulsos constantemente. Na cena em que olha pela janela e vê outras crianças brincando na rua, demonstra interesse em estar entre elas, no entanto permanece apenas com sua necessidade, interrompendo-se. Seu nariz sangra e sua mãe, ao perceber, o questiona. Ele diz que não foi nada, retendo para si os sentimentos e não falando ou expressando qualquer emoção de forma funcional ou assertiva.

O recurso psicoterapêutico ou mobilização para projeção conforme Ribeiro (1997) está no

contato final. Sendo este contato um processo pelo qual o sujeito sente a si mesmo como a própria fonte de prazer, nutrindo-se do que gosta e do que quer sem necessitar de intermediários.

Ao decorrer deste trabalho nota-se que para a Gestalt-terapia ou abordagem gestáltica, o processo de contato se dá a todo instante e é onde a vida ocorre e se manifesta. Ribeiro (1997) ainda chama atenção para o entendimento de que é por meio da subjetividade e da intersubjetividade entre as pessoas e as coisas que o contato e mundo acontece. Sendo assim, esse processo em fluidez sempre perpassa por uma mobilização consigo próprio: sentir-se, identificar-se, reconhecer-se um fenômeno fundamentado em perceber a si, o campo, diferenciando-se, encontrar-se e ir ao encontro do mundo, das coisas, do outro, dinamicamente e ciclicamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens do filme “Chocolate” descritas neste trabalho apresentam traços e estilos de contato da Gestalt-terapia, indicando características humanas reais como a intencionalidade e a singularidade, ainda que os casos sejam fictícios. Assim sendo, eventualmente a obra cinematográfica pode despertar emoções e sentimentalidades em seus espectadores:

O longa carrega uma sensibilidade, com personagens bem construídos e interessantes. Ao desenrolar da história a confeitadeira começa a conquistar os moradores, ganhar clientes e criar laços. Cada pessoa que prova seus chocolates muda e podemos ver durante a obra que o doce exerce um poder, transformando as pessoas, revelando seus mais profundos desejos e qualidades, assim como a civilização Maia acreditava (FILME: CHOCOLATE, p. 3).

Tratando dos estilos de contato em Gestalt-terapia, sabe-se que ao explorar a polaridade oposta das interrupções de contatos, é possível localizar contato pleno e uma *awareness* fluída “É uma qualidade fundamentalmente positiva e essencial de toda vida saudável. É a energia para assimilação e o crescimento no limite do contato, para o autoconhecimento, a escolha e a criatividade” (JOYCE; SILLS, 2014). Estar *awareness* é estar presente, perceptivo, consciente e corporalmente em contato pleno com o que ocorre no aqui e agora, em uma experiência autêntica, espontânea, livremente escolhida, diversa e fluída.

Ribeiro (1997), traz duas pontuações relevantes de serem consideradas dentro do ideal e da realidade entorno da experiência do contato. Sobre o que define como Ciclo dos Fatores de Cura - uma ampliação das formas do ciclo do contato numa perspectiva processual, incluindo a

dinâmica entre saúde e de seus bloqueios -, o autor diz que:

Todas as vezes que o modelo do ciclo se completa[...] seja numa sessão de psicoterapia, ou numa viagem, ou num trabalho longo, e até numa simples conversa, a energia de mudança cumpriu sua caminhada de procura e apoio da realização do outro. Por menor que sejam os resultados, uma vez que o ciclo se completou, houve um ganho em harmonização, em auto-equilibração, em saúde. (RIBEIRO, 1997, p. 57)

O autor aborda a completude deste ciclo como o ideal, inteiramente acabado para a abertura de uma nova experiência (nova gestalten), porém aponta e reconhece a realidade humana:

[...] embora seja humano que coisas fiquem inacabadas, porque somos criaturas, porque não temos sempre uma visão da totalidade de nossos gestos, porque o mundo fora de nós é maior do que nossa percepção alcança, porque temos medo de nossa própria verdade, porque temos medo de que nossos desejos se completem de verdade, e assim por diante (RIBEIRO, 1997, p. 58).

Pensar o Contato, seu ciclo e suas interrupções é pensar um dos conceitos primordiais da Gestalt-terapia, havendo também grande valia em observá-lo enquanto técnica, enquanto uma base para operacionalização psicoterápica, “Usar o contato como instrumento, como técnica de aproximação e compreensão da realidade, é um caminho entre a experiência imediata e a realidade interna do outro” (RIBEIRO, 1997, p. 14).

A análise do filme “Chocolate” por sua vez proporcionou reflexões acerca da criança ferida das personagens que por muito encontram-se em conflito com um campo fenomenológico que impõe desafios principalmente de ordem social, política e cultural a exemplo do conservadorismo, do autoritarismo religioso e da intolerância da qual estão sujeitados na pequena cidade ao longo de toda a trama.

É evidente que as problemáticas do campo impactam diretamente a qualidade de vida e a saúde mental das personagens no universo em que se passa o filme, favorecendo também a produção de interrupções de contato e de padrões rígidos e desadaptativos que expressam a configuração de uma sociedade adoecida onde as pessoas que ali habitam, de repente, se encontram em contato com o diferente e o estranho - expresso pela protagonista Vianne Rocher - que convoca mudanças significativas nas personagens em relação a forma de ver o mundo, as coisas e os outros. Uma provocação e um convite para as personagens acessarem algum nível *awareness*, de auto regulação e estar mais próximos de ouvir e atender suas necessidades.

REFERÊNCIAS



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

ABG - Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica. **Gestalt-terapia**: o que é, bases teóricas, metodologia. Disponível em: <https://gestalt.com.br/institucional/Gestalt-terapia/>.

CHOCOLATE. Direção: Lasse Hallström. Produção de David Brown. Reino Unido: Miramax Films, 2001. 1 DVD.

NOCE, Dani. **Cinema e Comida**: Filme Chocolate. Disponível em: <https://www.daninoce.com.br/gastronomia/cinema-comida/filme-chocolate/>.

D'ACR, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

ESCH, C. F.; JACÓ-VILELA, A. M. A Gestalt-terapia chega ao Brasil: recepção e desenvolvimento inicial. **Memorandum: memória e história em psicologia**, v. 36, p. 1-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6847>.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2017.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

INSTITUTO DE TREINAMENTO E PESQUISA EM GESTALT TERAPIA DE GOIÂNIA. **Teoria de campo de Lewin**. Goiânia, [s.d.]. Disponível em: http://itgt.com.br/wp-content/uploads/2012/10/TeoriaCampo_ProfSandra.pdf.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Skills in Gestalt**: Counseling and Psychotherapy. Series Skills: Counseling and Psychotherapy. London: Sage, 2014.

REIS, D. K.; BERVIQUE, J. A. Taoísmo e Zen-Budismo na Metodologia da Gestalt-terapia. **FAEF Revistas Científicas Eletrônicas**, [s.d.].

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: Refazendo um Caminho. 8. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.